

Entrevista com a professora Livia de Oliveira *

Geosul - Estamos aqui reunidos no Departamento de Geociências da UFSC, no dia 22 de março de 2006 e gostaríamos de começar a entrevista pedindo para falar um pouco sobre sua vida, onde nasceu, seus primeiros anos de escola...

Profa. Livia – Nasci em Mayrink, uma vila ferroviária, atualmente uma cidade integrante da Grande São Paulo, no dia 27 de agosto de 1927. Minha mãe, Altina Júlia de Oliveira, era professora primária e o meu pai, Joaquim de Almeida Oliveira, era agricultor. No século 17, nossos antepassados vieram para Cotia, hoje na área metropolitana e, segundo papai, eram cristãos novos. Os pais da minha mãe foram Francisco de Assis Oliveira Pinto e Bibiana Gonçalves Oliveira. Meu avô era de família de tropeiros, que iam até Passo Fundo buscar tropas de muares e para serem vendidas no Rio de Janeiro. Enquanto os homens estavam fora, era minha bisavó que cuidava da fazenda e da escravaria. Do lado materno de minha mãe, meus avós descendiam de índios guaianases e viveram na Aldeia de Carapicuíba. Por parte de meu pai, foram meus avós Joaquim Manoel Oliveira e Januária Maria Vieira de Almeida, que sempre foram fazendeiros, plantadores de cana e produtores de açúcar e de aguardente. Porém, destes só conheci a avó materna, a Bibiana, a nhá Bi, mulher decidida, indômita, corajosa e que ajudou a nos criar.

* Professora aposentada da UNESP – Rio Claro. Entrevista realizada em 22/03/2006 e que contou com a participação dos professores Ewerton Machado, Sandra Furtado e Maria Dolores Buss e com a colaboração da professora Jandira Spalding. Texto revisado e autorizado pela entrevistada (C.P. 219 – 13.500-970, Rio Claro, SP - Brasil).

Em fins do século 19, em busca da riqueza do café, a família de meus avós maternos vendeu a fazenda de Cotia, foi para Itu, sem um mínimo conhecimento da região, comprando, talvez as terras mais pobres da área, em Cabreúva. Após umas poucas e desastrosas colheitas e com a morte do patriarca, os irmãos do meu avô não foram capazes de manter a fazenda. A esse tempo, meus avós já tinham se desligado da família. Meu avô foi trabalhar como administrador de uma fazenda dos Pachecos e enquanto minha avó criava galinhas, leitoas e fazia queijos. Com esse dinheiro amealhado, puderam comprar lotes em Mayrink, uma vila promissora que surgia no entroncamento da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS).

Mamãe acompanhou os tios maternos e foi para São Paulo para estudar na Escola Normal. Iniciou o seu magistério em 1910, em Mayrink mesmo, onde vovó instalara uma pensão e vovô construíra várias casinhas e assim criaram seus filhos. Mamãe não planejava se casar, mas, quando foi a uma festa em Cotia, conheceu meu pai e ambos se apaixonaram à primeira vista. Após um noivado de dois anos, como era o costume, se casaram em 1917.

Geosul – E quantos filhos sua mãe teve?

Profa. Livia - Eu sou a quarta de seis filhos. O primeiro morreu logo depois que nasceu, se criaram cinco. Naquele tempo, se usava pôr nomes com a mesma letra, então a primeira foi a Laís, depois o Laércio, a Liseika, eu e por último o Laerte. Os dois mais velhos já morreram, a Liseika mora em Rio Claro e o Laerte mora em Santos. Fiz a escola primária lá em Mayrink, dos sete aos onze anos. Porém, desde os seis anos eu já sabia ler, até porque minha mãe alfabetizava crianças e eu ia com ela na escola. E, desde esta época, já gostava de geografia, muito por influência de minha mãe, que gostava de conhecer cidades, gente diferente, natureza. Eu tinha facilidade para história, geografia e português. Era muito agressiva, talvez porque aos nove anos caí e quebrei um dente incisivo, e fui criada banguela. Talvez também porque era muito

magra e a criançada me chamava de Livia Palito. Só fui pôr o dente da frente aos 13 anos! Quando terminei o primário, não tinha continuação em Mayrink. Fui para São Paulo, onde minha irmã mais velha já estudava no Colégio Ypiranga e morava com a madrinha. O diretor me passou um pequeno teste e disse que eu podia freqüentar o curso de admissão. Logo depois, fiz o exame de admissão e, de uma classe de 40 alunos, passamos cinco ou seis. Em história, passei porque o professor me perguntou quem foi famosa e que teve o meu nome. E a minha mãe sempre falava “Livia foi uma imperatriz de Roma, casada com Augusto César e mãe de Tibério”. Em geografia, me perguntaram das estrelas e meu pai sempre nos explicava sobre o firmamento.

Freqüentei dois anos neste colégio morando na casa de uma prima de minha mãe. Mas, infelizmente, essa prima era uma verdadeira madrasta. E um dia, quando falou mal de meu pai e minha mãe, fui para a escola e de lá fui para a madrinha de minha irmã. Minha mãe veio de Mayrink e, como tinha em São Paulo uma tia que já estava com os filhos grandes e que morava na Vila Mariana, fui para lá. Essa minha tia era filha de suecos e falava inglês fluentemente, começou a me ensinar a língua e também as boas maneiras. Até ali, eu era quase uma selvagem: agressiva, não sabia me portar na mesa, me pentear. E nós nos demos muito bem. Infelizmente, ela veio a morrer depois de um ano. Um amigo de Mayrink me sugeriu que eu me transferisse para o Ginásio do Estado, em Sorocaba, pois, além de não ser paga, a escola oferecia condições qualitativas melhores que uma particular. Em Sorocaba, terminei o ginásio e freqüentei a Escola Normal Municipal. Porém, não queria ser professora. Sonhava com outras coisas. Apesar disso, diplomei-me em professora primária, em 1944, com 17 anos.

Geosul - E aí foi para a Universidade?

Profa. Livia – Eu fui visitar uma colega do Colégio Ipiranga e ela estava fazendo enfermagem, lá no Hospital das Clínicas da USP. Sem falar nada em casa, me inscrevi. Minha mãe, quando soube, não gostou muito porque sempre fui meio doente, sempre com

alergia, resfriados, desmaiava se ficava em jejum e tinha também a questão do dinheiro. Mas resolvi fazer. Quando me formei, fui trabalhar no antigo Instituto de Higiene porque gostava de saúde pública. Hoje o instituto é a Faculdade de Saúde Pública. Trabalhavam lá também outras moças como educadoras sanitárias que não eram enfermeiras formadas, mas os chefes davam mais atenção a elas, todas “patricinhas”. Nós éramos mais do batente, do trabalho. Fomos aos Estados Unidos fazer curso de especialização. Eu fui para Universidade de Minnesota, o educador sanitário era formado em nível superior, medicina, enfermagem... O educador sanitário era quase um curso de pós-graduação. Quando nós voltamos, fizemos um projeto para concretizar isto no Brasil. Nessa época, houve um congresso de saúde em Curitiba e não nos deram afastamento para participar. Mas deram para as “educadoras sanitárias”. Uma delas, quando voltou, nos falou que o projeto que nós havíamos feito, fora apresentado como sendo delas. Imagine o ódio que sentimos! Fomos falar com o diretor, pois ele tinha dito que não tinha gostado do projeto e depois deu para elas apresentarem lá. Ele disse-nos: “dei porque eu quis e vocês não têm nada que discutir”. Na mesma hora, pedimos demissão. Mas nós tínhamos aquele bendito papel que a gente assina quando sai para fazer um curso fora que estipula que tem que trabalhar o dobro do tempo do afastamento. Resolvemos, então, transformar a vida do diretor em um verdadeiro inferno, para que nos mandasse embora. Um dia, já desesperado, chamou a nossa chefe e disse que ia assinar a carta de demissão. E nós saímos. Neste meio tempo, resolvi fazer outro curso, porque já tinha percebido que, como enfermeira, aonde eu fosse iria brigar. Disse para mamãe: “tem dois cursos que faria, um é de Letras, porque sei inglês e só tenho que estudar alemão e português, ou filosofia”. Mas então ela falou: “agora você vai me escutar; vá fazer geografia, que você vai se dar bem”. Vi o currículo e me interessei. Fiz um cursinho de uns três meses e fui fazer o vestibular, que era específico: geografia, história, uma língua, inglês ou francês, e português. Passei em primeiro lugar, em 1953. Eu já tinha estado nos Estados Unidos, na

Europa e caiu no exame escrito de história o Renascimento Italiano, e me acabei. Tive notas excelentes.

Geosul - E quem foram seus professores?

Profa. Livia - Quando eu entrei, o curso era de geografia e história. De geografia física era Dr. João Dias da Silveira, Maria de Lourdes Radesca e Elina Santos. Geografia Humana era Ary França, Pasquale Petrone e Nice Lecoque Müller. Geografia do Brasil era Aroldo de Azevedo, José Araújo e Aziz Ab'Saber. Geografia Regional Renato Mendes. Antropologia era Gioconda Mussolini; Etnografia Carlos Drumond e Língua Tupi-Guarani Plínio Ayrosa, que era uma personalidade e dava aulas maravilhosas. E cartografia era Sukupe. Em 1954, entrei no primeiro curso noturno da USP. De dia, trabalhava na enfermagem, no Hospital de Traumatologia e Ortopedia, da USP, pois com 26, 27 anos, não tinha mais como ser sustentada por minha mãe.

Geosul - Então seu curso foi lá na Maria Antônia?

Profa. Livia - Comecei na Maria Antônia, depois fui para a Alameda Glete, depois alugaram uma casa na Avenida Angélica, que chamávamos de “fazendinha” e era uma casa muito gostosa. Depois é que fomos para o Campus da USP, em 1957.

Geosul - O que foi marcante na sua formação universitária?

Profa. Livia - Para mim, acho que foram os professores e o conteúdo da geografia, entender a geografia física, entender a cidade. Sempre fui muito observadora. Em 1957, separaram o curso de geografia e de história. Mas, como tinha feito vestibular para os dois, quis me formar nos dois. Confesso que na época eu gostava mais de história.

Geosul - E como tomou o rumo da geografia?

Profa. Livia - Na verdade, eu queria me especializar em história da América. Conhecia já vários países da América, tinha vários livros. Mas briguei com professor Rosendo. E o professor Araújo

brincava comigo: “você nasceu para a geografia”. E na geografia as brigas foram diferentes, não por perseguição, eram de discussões.

Geosul - E quando se formou foi trabalhar aonde?

Profa. Livia - Antes de me formar, já comecei a trabalhar. Quando ingressamos, tive duas colegas de Itapetininga, a Dulce e a Mercedes de Almeida. Nós resolvemos fazer concurso para professora secundária, pois, como nós tínhamos o curso normal, não precisávamos ser formadas. E passamos. Escolhi a cidade de Pedro de Toledo, no vale do Ribeira, que era a mais perto do meu irmão, que estava morando em Santos com a família e mamãe. Fiz pião em Santos, subia para terminar a faculdade em São Paulo e depois ia de trem até Pedro de Toledo, para dar aula de geografia; e eram quatro horas no trenzinho de Estrada de Ferro Santos-Juquiá. Dava quatro horas de aulas e voltava com mais quatro horas de trem. Transferi-me do curso noturno para o diurno. E, com isto, conheci uma turma muito grande. Para terminar, foi pesado, mas estava no auge da força, se precisasse dormia até em pé. Graduei-me. Minha mãe ficou felicíssima. Um detalhe que preciso reforçar, é que ela estudou comigo geografia todo o tempo, lia todos os livros e traduzia os livros de francês. Quando viajava, ela ia tomando notas: no quilômetro tal apareceu tal coisa, o barranco mudou de cor, a cidade mudou. Foi uma alegria que dei à minha mãe.

Geosul - Essa afinidade com sua mãe é que a leva a continuar na área de educação?

Profa. Livia – Eu, que não queria ser professora, voltei a ser. Porque na Saúde Pública também era educação, pois íamos às casas para ensinar preceitos de saúde. Em Pedro de Toledo, as aulas de Geografia foram uma delícia! Os alunos eram quase todos descendentes de japoneses; disciplina não era problema; não faltavam; fazíamos trabalhos de campo. Contratávamos trens e íamos até Peruibe ou a Santos. O grupo de professores lá era muito

bom. Quando me formei, mamãe pediu para voltar para Mayrink. Aceitei, apesar de ter tido um convite para ir para Rio Claro. Minha mãe estava muito doente. Em 1961, mamãe morreu. Aí Dr. João Dias me convidou novamente para ir para Rio Claro ministrar Didática da Geografia e fazer carreira nesta disciplina, sem fazer desta um trampolim. Então, em 1962, fui para Rio Claro ministrar Didática Especial de Geografia, para a primeira turma de formandos. Aproveitei toda minha experiência de estágios, pois tinha feito muitos estágios na enfermagem. Comecei fazendo estágios supervisionados. A professora da escola selecionada nos dava os tópicos a serem abordados, os meus alunos preparavam os textos e eu sempre os acompanhava.

Geosul - De onde surgiu seu interesse pelas questões de ensino-aprendizagem na geografia?

Profa. Livia - Quando comecei a dar aulas em Pedro de Toledo, me surgiu a questão: como posso saber se o aluno aprendeu ou não geografia? Foi aí que começou. Também, na USP, minha professora de didática foi Dra. Amélia Domingues de Castro, que já estava trabalhando com Piaget e trocava idéias com ela sobre esta questão. E, até hoje, Piaget é a minha referência. Fazendo um parêntese, tenho na parede do meu quarto fotos das minhas pessoas queridas: da minha mãe, do meu pai, das crianças e de Piaget.

Geosul - E Piaget de certo modo é seu grande referencial nas relações que estabelece com seus orientandos. E esta escola da Livia se propaga para outros estados.

Profa. Livia - Logo no início, como comecei a me projetar ministrando uma didática mais científica, mais psicológica, comecei a ser convidada para vários locais no Brasil. Onde me convidavam eu ia. E de Piaget é que passei para a percepção. Ele não estudou diretamente o espaço geográfico; estudou o espaço matemático, o espaço físico, o biológico. Quando eu estive lá em Genebra, quem me falou para pesquisar sobre o espaço geográfico

foi Vinh Bang. Disse-me: “se ninguém ainda fez esta ligação, faça você”.

Geosul - Esta sua contribuição se torna uma referência para muitos professores que vão trabalhar prática de ensino. Mas também trabalhou com cartografia, com a percepção e com a geografia quantitativa.

Profa. Livia - Na verdade, eu não trabalhei diretamente com a quantitativa. Nunca fui muito chegada à matemática. A minha contribuição foi mais teórica, no sentido que nós tínhamos que ver qual era o espaço da geografia, e que o espaço da geografia é mais relativo que absoluto; tínhamos que trabalhar com qualquer geometria para trabalhar o espaço, não só a euclidiana. Aí comecei a me aprofundar nesta área seguindo teoricamente Piaget.

Geosul - E o seu doutorado pela UNICAMP a senhora aborda este tipo de questão?

Profa. Livia - Não. Como a UNICAMP estava se formando, precisava de escolas para poder se tornar universidade. Nós, em Rio Claro, éramos um instituto isolado e passamos a constituir a UNICAMP e coincidiu com a época em que fiz o doutorado. Logo a seguir, voltou a ser instituto isolado e depois a UNESP. Em 1967, quando fiz o doutorado, não tinha ainda leituras suficientes para trabalhar com Piaget. Fiz uma pesquisa científica sobre a contribuição ao ensino da geografia. Na época, eu nunca achei que a minha tese tivesse tanto valor, mas agora, depois de tantos anos, a Rosângela Doin de Almeida está recuperando e mostrando que foi a primeira tese em ensino da geografia em nível universitário. Fiz questionários, apliquei testes estatísticos. A minha preocupação sempre foi esta: que o ensino tinha que ter base científica. Base científica para poder generalizar e não apenas achar que é assim. Agora o nosso grupo de trabalho no Programa de Pós-Graduação “Geografia e Ensino” está voltando a isto.

Geosul – Outro dia, vi um texto da Olga Cruz que é um clássico sobre o papel da geografia entre as ciências, se é uma disciplina ou uma ciência. E muito importante para isto foi a geografia quantitativa, com uma discussão que se espalhou pelo Brasil inteiro. Comente um pouco esta sua passagem pela geografia anterior à quantitativa e depois do método quantitativo.

Profa. Livia – O aparecimento dos métodos quantitativos e sua aplicação na geografia, entre nós, fizeram com que a gente pudesse conversar diretamente com as outras ciências, pois afirmavam que nós trabalhávamos somente com descrições. Esta posição foi defendida arduamente nos prós e nos contra, por dois grupos. Uma das razões é porque isto começou em Rio Claro, porque se tivesse começado pela USP, não teria tido tanta celeuma, porque a USP sempre foi “a melhor de todas”. Mas apareceu em um grupo do interior, em uma cidade que, na época, não era nada.

Geosul - E quem era este grupo de Rio Claro?

Profa. Livia – O grupo era constituído principalmente por Antonio Ceron, Alexandre Diniz, Lucia Helena Gerardi, eu, Christofolletti, Miguel Sanchez, Lucy Machado, e alguns alunos.

Geosul - Esta posição de vanguarda que teve a UNESP de Rio Claro, faz com que o eixo Rio-São Paulo, que era hegemônico, passa a ter uma terceira via, que foi marcante para muitas universidades brasileiras, como no nordeste, no sul. Como vocês conseguiram manter esta terceira via que ainda hoje é importante?

Profa. Livia - A maneira foi que participamos de congressos, difundindo nossos conhecimentos, nossas pesquisas. Basicamente onde nos convidavam nós íamos. A USP não tinha muita tradição de fazer projetos de pesquisa, nós que começamos. A FAPESP começou a dar bolsa, verbas para pesquisa. Por exemplo, com Carlos Augusto, com Elza Keller, nos iniciamos em pesquisa. Nos congressos, levávamos 10 a 12 trabalhos. Isto deve ter chacoalhado a USP, que era um pouco parada, com aqueles professores antigos. Os professores mais novos, que tinham sido colegas do Ceron e de

mim, começaram a ver que a geografia não podia continuar do jeito que era. Naquela época, eu estive no Congresso Internacional da Índia, em 1968, e na volta eu passei pelos Estados Unidos, pois tinha uma amiga que estava estudando em Iowa, um grande centro de geografia. Entrei em contato com vários professores de lá e levantei bibliografias importantes. Não era somente de quantitativa, mas também de toda a teoria geográfica, que estava sendo repensada. Cheguei em Rio Claro com todo esse novo acervo, diversos professores trouxeram outras idéias e começamos a pensar e a trabalhar. Só que hoje, lembrando aquele período, acho que fomos com muita sede ao pote. Alexandre era muito agressivo, isto também deu muitos problemas. Depois, houve o surgimento da geografia crítica, marxista, do grupo de São Paulo, em oposição ao que eles chamavam positivista; mas que não tinha nada de positivista, e sim métodos quantitativos aplicados à Geografia. Também nos acusavam de estar fazendo trabalhos para o IBGE, que era do Estado. E aí apareceu o grupo em São Paulo fazendo uma outra geografia depois chamada de crítica. Ficaram acirrados os ânimos. Pessoalmente, nunca tive problemas, porque no que eu atuava nunca separei, nem podia, a geografia física da geografia humana. E tinha um pessoal que queria acabar com a geografia física, dizendo que não era geografia. Também, a Cartografia por ser uma técnica bem relegada.

Geosul - Mas não acha que foi aquela crise de identidade que acirrou os ânimos? Na quantitativa tinha muitas vezes, uma preocupação em testar modelos. E isto parecia que dava identidade científica, enquanto a geografia mais tradicional não estava muito preocupada com isto.

Profa. Livia - Foi mesmo isto. E algumas pessoas me criticam como fui da quantitativa se agora sou da humanista. Mas foi o momento. Agora tem muita gente e muitos trabalhos utilizando modelos por computador. Então, a quantitativa continua. O que não se podia era tornar a quantitativa como um fim. Que foi o que aconteceu. Mas eu sempre chamava atenção que deveria ser um

meio. Por exemplo, Piaget sempre apontava que a classificação das ciências é positivista, era uma coisa não necessária. Você faz um trabalho e não importa como é classificado. Para ele, o maior erro da ciência era tentar a classificação, de pôr a ciência em gavetinhas estanques.

Geosul - Neste sentido a USP é mais positivista uma vez que mantém mais separado geografia física de geografia humana.

Profa. Livia - Isto é positivista. Para Piaget, tem que ter interdisciplinaridade, não deve ter predomínio de uma disciplina científica; ele nem chama ciência. A primeira vez que eu falei que a matemática é humana só faltaram me comer viva. Ela é exata, mas é humana, pois é puro pensamento do homem. A Física, a Química e a Biologia são da natureza, mas a Matemática não.

Geosul - O problema é como os métodos matemáticos e estatísticos foram usados como instrumento de dominação.

Profa. Livia - Sem dúvida, foi isto sim. Essas posições, que se misturaram com as metodológicas, foi que nos deixou sem diálogo entre nós da geografia e a grande ruptura foi em Fortaleza em 1978.

Geosul - Mas antes de Fortaleza vocês tiveram muitas aproximações, como com o pessoal da UFRJ, com o Manoel Corrêa no nordeste, que tinham uma certa afinidade com esses novos vieses da geografia.

Profa. Livia - Tivemos sim, muitas ligações. Mas não de interferências. Eram mais trocas de idéias, de trabalhos. A AGB teve um papel que mudou desde Fortaleza. Como que ela pretende representar os geógrafos brasileiros permitindo que alunos integrem a diretoria? Nunca fui contra a participação dos alunos, mas não na diretoria. E ainda hoje, apesar dos pesares, continuam alunos na diretoria. Nenhuma outra associação se depara com esta situação.

Geosul - Como foi sua trajetória na AGB? Teve participação depois disto?

Profa. Livia - Não, eu saí depois de Fortaleza. Houve um encontro e pretendia enviar um trabalho em ensino da Geografia, mas, quando soube que a mesa-redonda seria dirigida por um aluno do segundo ano da graduação que nem havia ainda cursado a disciplina de Didática da Geografia e eu já era livre-docente, achei que era demais. E nunca mais fui, nem mandei trabalho algum. Não é uma questão de discutir, como eu faço com os meus alunos. Tenho ido a encontros que a AGB apóia, mas não em encontros da AGB.

Geosul - Voltando as questões relativas a ensino-aprendizagem, gostaríamos que comentasse um pouco qual o lugar que o mapa ocupa na aprendizagem?

Profa. Livia - A minha tese de livre-docência aborda esta questão. Ao pensar no básico para a geografia, e principalmente naquele mês que fiquei em Iowa, vi que na verdade como trabalhava com o espaço, eu tinha que aprofundar sobre a representação do espaço, que é o mapa. Se eu tiro uma fotografia, esta é um instantâneo do espaço, não sua representação. Queria constatar também quando e como o mapa se tornou a expressão mais importante para a geografia. Como, no ensino-aprendizagem, eu poderia usar isto. Ou seja, na mente do aluno, como isto passa para o mapa. Encontrei em Piaget aquele trabalho de lateralidade: direita e esquerda, apliquei então como leste e oeste, e o acima e abaixo, correspondendo ao norte e ao sul. Então, aquela minha pesquisa foi medir o conhecimento de crianças do primeiro ano até a oitava série, de direita e esquerda e acima e abaixo, com os pontos cardeais correspondentes. Operacionalizei o sol à direita como leste e à esquerda como oeste; no norte eu coloquei a estrela Polar e a de Magalhães no sul. Eu trabalhei com todas as crianças de Rio Claro, dez escolas; uma eu usei como pesquisa-piloto e trabalhei com as outras nove. Como já tinha conhecimento de que a maioria das crianças está com 7 anos na primeira série e assim por diante,

só trabalhei com aquelas que se enquadravam nas idades correspondentes. Mesmo assim, a amostra foi enorme, três mil e tantos. Mas quando tabulei estatisticamente surgiu bem claro uma faixa modal, o que transformou em trezentos e tantos alunos. Outro problema é que na criança e no adolescente, alguns meses fazem diferença no desenvolvimento intelectual. Aí fixei o mês. Preparei uma sobrinha minha para buscar as crianças na sala de aula e preparei cinco aplicadoras. E deu o resultado que eu esperava. Um pouco mais atrasado do que quando comparado aos dados de Piaget, mas se entende porque nas nossas escolas não há o nível das escolas suíças. E este era meu pressuposto, nossas crianças não são melhores nem piores que as outras crianças, elas são iguais, independente de economia, de alimentação; mentalmente elas são iguais às outras. E aí me surgiu que, para trabalhar com o mapa, teria que pensar em uma alfabetização cartográfica. Não se pode tomar mapas para adultos e dar para crianças. Como elas vão entender: os mapas são euclidianos e a criança vive topologicamente. Só quando têm 12 ou 13 anos que pensam o espaço euclidianamente e isto aparece bem claro na minha tese. No começo, chamei de cartografia infantil, depois foi mudando e agora a gente chama de cartografia escolar. E também fiquei muito contente porque, em um colóquio em Diamantina, em que vieram uns estrangeiros, vi que eles estavam começando a pensar nisto e eu já tinha feito meu trabalho de tese neste assunto há 25 anos atrás. Isto me deu uma satisfação muito grande.

Geosul - E com esta sua preocupação com a geografia escolar, constituiu uma influência muito grande nos professores de prática de ensino, resultando até em encontros. Eles ainda acontecem?

Profa. Livia - O primeiro foi em 1985, em Rio Claro, com o intuito de se pensar a prática de ensino não como uma coisa monótona, mas sim interessante, e não funcionar como um trampolim para outras áreas da geografia. Convidei D. Amélia, Cecília Horta, Jandira Spalding, que é aposentada pela UFSC, e outras professoras. Meu intuito era só reunir professores de prática

de ensino. E acertamos que o próximo encontro seria em Sergipe, organizado pela Teresa. Depois de Sergipe foi em Juiz de fora com a Valéria; ficou uns anos parado e depois foi para Curitiba, que Lineu organizou; ficou novamente parado e depois Herbe Xavier organizou na PUC de Minas, depois em São Paulo com a Nídia e depois em Vitória, com a Gisele, e o último foi em Dourados em Mato Grosso do Sul, com a Silvana e o próximo será em Niterói, organizado com o Tomoko. Agora há muitos professores de prática de ensino que já têm mestrado e doutorado e estão muito interessados nestes encontros.

Geosul - E como foi sua passagem da topologia com as crianças para a topofilia com a tradução dos livros do Yu-Fu Tuan?

Profa. Livia - Foi feliz o encontro, porque a topologia é a última das divisões da matemática que apareceu no século XIX. E Piaget, ao trabalhar com crianças, encontrou o contrário. Todos consideravam que primeiro surgiu o espaço euclidiano, depois o projetivo e depois o topológico. Piaget, com as crianças, encontrou o contrário. Historicamente houve uma inversão. Primeiro é o topológico porque a criança tem o seu lugar: perto, longe, dentro, fora. Já trabalhei, com espaço topológico, fiz pesquisas com Lucy Machado. E quando, através do Christofolletti, me caiu nas mãos o livro *Topofilia* para traduzir, achei interessante. Em seguida, já me pediram para traduzir o *Espaço e o lugar*. Para mim, foi muito bom, era o que eu queria, já trabalhava com o lugar e me deu muita abertura. Aquela era a geografia que eu queria, não era física, urbana, cartografia; não predominava uma ou outra, era apenas a geografia. E agora todo mundo descobriu o lugar. No início, vários alunos, não só de Rio Claro, não aceitavam o *Topofilia*, dizendo que não era geografia. Agora andam com o livro debaixo do braço, depois de fazer análises de categorias. Mas eu tenho a impressão que o próprio Tuan não é especificamente fenomenológico. A fenomenologia para a gente aplicá-la na geografia tem que pôr filtros, não se pode decalcar em cima. Precisamos fazer discussões para ver o que aproveitamos e o que não aproveitamos. Muitas

vezes, é um erro da geografia querer encontrar algo já pronto, um modelo. Em quantitativa, é válido ter um modelo, mas na geografia humanista não.

Geosul - É o que Carlos Augusto apregoa: não ter um modelo único.

Profa. Livia - É claro. Quando falo de espaço, mostro claramente que são n espaços e n geometrias; você tem que escolher qual a que melhor representa a geografia que está trabalhando. É como a lógica, não é só a formal. Por exemplo: se for trabalhar com meio ambiente tem que trabalhar com outra lógica, não a formal aristotética, mas sim a deôntica.

Geosul - Gostaríamos que falasse um pouco sobre a pós-graduação de Rio Claro e sobre seus orientandos.

Profa. Livia - Acredito que a pós de Rio Claro já teve um ápice, dá para ver pelas notas da CAPES. Não temos mais um grupo tão ardoroso, tão idealista, não se vê mais isto nem nos professores da graduação. Muita gente saiu, outros entraram, inchou, agora está entrando mais no seu ritmo; mas não considero mais tão marcante. Não é falta de dinheiro, é humano. Posso falar claramente, de cátedra. Presidente Prudente está trabalhando, florescendo e Rio Claro está se fechando. Sempre aconselho que colegas têm que viajar, ir para os Estados Unidos, Europa. Eu estou aposentada e continuo trabalhando, publicando e viajando. Mas muitos que eram bons se aposentaram e nunca mais trabalharam na geografia.

Quanto às orientações, eu nem sei quantas. Comecei orientando didática de geografia e depois acrescentei o campo de percepção. Damaris foi a primeira, em percepção. Tenho um grupo grande de ex-orientandos em didática da geografia: Jandira, Teresa, Valéria Aguiar. Lineu fez o mestrado e o doutorado em percepção. Lucy Marion, que fez o mestrado em geomorfologia na USP, fez o doutorado em percepção. Eu misturo, depende do interesse. Tem um outro campo que também gosto muito que é o da literatura ligada à geografia. Solange Guimarães fez o mestrado e o

doutorado nesta linha. Acho que o mapa e a literatura são os melhores meios, tanto no secundário quanto no superior; nós temos uma literatura belíssima e ainda mais se somarmos com a portuguesa e a africana. Seria ótimo para os alunos e para os professores.

Geosul - E a pós-graduação no resto do Brasil? E o que acha da política de expansão das pós-graduação no Brasil?

Profa. Livia - Tenho encontrado muitos cursos bons, outros nem tanto. Quanto à expansão, acho que temos que ter mais mestres, mais doutores no Brasil, mas precisaria ter mais respaldo do governo. Um exemplo, é que a legislação federal, que previa que no corpo docente das escolas superiores públicas e particulares deveriam ter mestres e doutores, os deputados mudaram para mestres ou doutores. Em consequência, mandaram todos os doutores embora. Com isto, os doutores estão sem emprego, porque só contratam mestres, porque pagam menos.

Geosul - E fale um pouco da homenagem que lhe fizeram em Londrina.

Profa. Livia - Eu sempre fui muito amiga da Yoshia de Londrina. Fui lá dar aula de didática, entusiasmar o pessoal. Ela sempre queria fazer um encontro e, no ano passado, saiu. Organizaram o encontro onde o meu nome apareceu como homenageada; compuseram mesas variadas: do Luís Otávio daqui, Pinheiro da psicologia, Carlos Leite da arquitetura, do Mackenzie. Houve vários trabalhos e várias mesas redondas. Foi muito bom.

Geosul – Mesmo fazendo esta autocrítica, dizendo que sempre foi muito agressiva, fez vários amigos, Carlos Augusto, Milton Santos...

Profa. Livia - Eu sou, neste ponto, igual ao meu pai. Ele tinha uma posição política definida, mas ia em festas com pessoas de distintas posições políticas. Eu herdei isto dele. Com Carlos Augusto, eu já o conhecia aqui de Florianópolis, depois ele foi dar aulas em Rio

Claro; nós sempre tivemos muita ligação. Com Milton, ele mesmo falava: “a única pessoa que a gente conversa do lado de lá é com a Livia; ela entende e discute as coisas”. E, todas as vezes que ele foi homenageado, estive presente. Naquela vez que foi homenageado pelo “O Estado de São Paulo”, estávamos lá Lea Goldstein, a Maria Adélia e eu; o resto do bando ninguém foi. Eu sempre o considerei muito, assim como ele me considerava. Armem nós fomos colegas, ele era de uma turma mais adiantada, e também do “Centrinho”; sempre queria mandar, eu e as minhas colegas de Itapetininga discutíamos muito com ele. Até hoje, quando o encontro, é uma alegria. Gosto muito do Armem! A posição política é outra, mas isto é independente da amizade. Nós temos a Confraria da Coruja, que é o pessoal que se formou na USP nos anos 50. Nos encontramos uma vez por ano e conversamos muito, independente das posições políticas e geográficas. Mesmo no auge da rixa, fui amiga do Petrone, Rosa Éster, Bocchicchio, de Biase, até do José Alexandre (Sergipe), sempre muito amiga, com todo aquele temperamento. Sempre deixo muitos amigos aonde vou.

Geosul - Para terminar a entrevista gostaríamos que encerrasse com uma mensagem.

Profa. Livia - Tudo que fiz na vida foi com paixão, nunca por obrigação. E esta paixão, desde que entrei na Geografia, continua até agora. A gente tem que gostar de geografia, tem que ir ao campo, dar aulas, escrever, ir a congresso, não por obrigação. Tem que fazer porque gosta. Apesar de estar com 78 anos, continuo com a mesma paixão.

Geosul - Agradecemos muitíssimo a sua disposição em conceder esta entrevista.